

“Estabilidade não vai gerar crescimento”

por Vera Saavedra Durão
do Rio

A economia estável do Plano Real viabiliza um novo ciclo de crescimento sustentado para o País? Na análise do economista e ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Antônio Barros de Castro, em palestra no 8º Fórum Nacional, as perspectivas de crescimento econômico dentro do novo modelo são “medíocres”.

Ele aponta fatores como a severíssima política monetária — que jogou os juros na estratosfera —, a atitude de cautela e a prudência dos empresários pelas incertezas do futuro, como desfavoráveis a um crescimento mais vigoroso, calcado em decisões corajosas de investimento. “Esta economia nova não tem motor de arranque”, avisou.

O diagnóstico preocupa o economista, pois sua tese é a de que o real vem fazendo “água”. O plano tem apresentado dificuldades sérias que vêm sendo ignoradas por aqueles que pensam que “a obra ainda não se completou e demanda mais reformas”, avisa. Para Castro, começam a aparecer os problemas: “Desemprego alarmantemente crescente, quebra de empresas, desaparecimento de setores, juros na estratosfera, crise bancária e inadimplência”.

Estes problemas estão sendo comuns a outros países do continente que para baixar a inflação sobrevalorizaram suas moedas, rebaixaram suas tarifas e passaram a conviver com o mercado internacional de capitais de liquidez extraordinárias, conforme o modelo seguido pelo Plano Real. Alguns países, como a Argentina, amargam ainda uma recessão da qual não conseguem sair, advertiu o ex-presidente do BNDES. “Mas o Brasil, ao contrário da Argentina, por exemplo, tem muito mais a perder e a

destruir, e por conseguinte há que ter cuidados com a condução da política econômica”, declarou.

A seu ver, o Plano Real foi lançado em dosagem forte no segundo semestre de 94. “Saímos de uma rota inflacionária e entramos numa rota explosiva do balanço de pagamentos e salvamo-nos disso pelo efeito tequila”, lembra Castro. Entretanto, considera, as mudanças implantadas pós-crise do México, como elevação de tarifas, mudanças no câmbio e juros astronômicos, “travaram o barco, mas não necessariamente salvaram a capacidade de crescimento sustentado. “O stop and go pelo qual passamos para preservar a estabilidade foi desnorteante”, considerou.

A opaca situação futura não deixa entrever claramente uma saída para a viabilização de um novo ciclo de crescimento sustentado, apesar de alguns fatores favoráveis que poderão dar algum oxigênio para a atividade macroeconômica. Neste caso, o economista citou o número de multinacionais que estão ingressando no País depois da quarentena da década de 80. O mercado de bens duráveis é outro fator positivo, pois continua profundamente “comprador” e, por último, o baixo preço dos bens de capital importados, que funciona como “uma indução brutal à modernização”.

Barros de Castro desenha um quadro bastante comprometedor para o emprego e o crescimento econômico. Perguntado sobre se o governo estaria disposto a desvalorizar o real para sair desta situação, ele responde negativamente. “A economia brasileira casou-se com a sobrevalorização e a saída de um casamento é sempre tempestuosa. A ruptura do real com o passado da economia brasileira é total. Mas, ao renunciar a evolução, escolhendo a ruptura, deixou de trabalhar o presente e assegurar o futuro”, concluiu.